



RPM

Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

**Recensão: Luís de Freitas Branco, *A Revolução antes da Revolução*
(Lisboa, Livros Zigate, 2024), 299 pp., ISBN: 978-989-35146-8-9**

Review: Luís de Freitas Branco, *A Revolução antes da Revolução*
(Lisboa, Livros Zigate, 2024), 299 pp., ISBN: 978-989-35146-8-9

Sofia Vieira Lopes | Universidade NOVA de Lisboa

Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança, Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas, Portugal

sofialopes@fcs.unl.pt | <https://orcid.org/0000-0003-0063-0187>



<https://doi.org/10.57885/rpmns.521>

**RPM**Revista Portuguesa de Musicologia
Portuguese Journal of Musicology

nova série | new series

11/1 (2024), pp. 149-154 | ISSN 2183-8410

doi:10.57885/rpmns.521 | <http://rpm-ns.pt>

Recensão: Luís de Freitas Branco, *A Revolução antes da Revolução* (Lisboa, Livros Zigurate, 2024), 299 pp., ISBN: 978-989-35146-8-9

Sofia Vieira Lopes

Muito ainda está por fazer no que concerne ao estudo da música popular em Portugal no período final da ditadura; mas sobretudo muito está por publicar e por divulgar. Neste sentido, em 2024, a Livros Zigurate, uma editora independente de não-ficção dirigida pelo jornalista Carlos Vaz Marques, editou o livro *A Revolução antes da Revolução* da autoria de Luís de Freitas Branco.

O livro apresenta um retrato detalhado da vida musical em Portugal no ano de 1971, partindo da premissa de que este foi «o ano que mudou a música popular portuguesa», tal como é sugerido aos leitores logo na folha de rosto. Centrado no âmbito da música popular, Freitas Branco oferece ao leitor um panorama da produção musical não apenas em Portugal, mas revela também o papel da música criada pelos portugueses exilados, sobretudo em França. Sem descurar o seu contexto histórico-político, a obra assenta numa pesquisa rigorosa que remete para os acontecimentos não apenas de 1971, mas também dos anos que antecederam e sucederam aquele que, no entender do autor, foi um ano revolucionário. Sublinhando as consequências dos eventos que marcaram a música desse ano e que ecoaram na sociedade durante a última fase do Estado Novo, Freitas Branco mostra as consequências da produção registada no campo da música popular para «debater o tempo presente, seguindo o enalço do passado» (p. 8), ficando, todavia, à consideração do leitor o debate mais aprofundado. O desenho de um contexto pormenorizado permite ao autor argumentar que, três anos antes da revolução que derrubou a ditadura em Portugal, aconteceu uma verdadeira revolução na música popular.

O volume é concebido para o público generalista, o que não a impede de apresentar dados fundamentais que preparam o terreno para futuras investigações de carácter académico que aprofundem e problematizem os aspetos aqui tratados. Deste modo, *A Revolução antes da*

Revolução afigura-se como um contributo valioso para a compreensão do período denominado de Marcelismo, trazendo à luz informações até então acessíveis a poucos.

O livro é organizado em doze capítulos, cada um correspondendo a um mês do ano de 1971, o que proporciona ao leitor uma sensação de viagem no tempo e uma organização cronológica que facilita a compreensão de acontecimentos que, mais de cinquenta anos depois, poderão parecer demasiado longínquos. Antes de iniciar a narrativa, Luís de Freitas Branco apresenta um curto prefácio onde expõe as ambições da publicação e justifica porque considera este ano um ponto de viragem na música popular em Portugal. Logo na primeira página, afirma que «1971 foi o ano que mudou a música popular portuguesa» (p. 7), estabelecendo uma analogia entre a edição do fonograma *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades* de José Mário Branco¹ e a Tomada da Bastilha. Embora o argumento fique aqui por explicar, motivando o leitor a seguir a obra, o autor sugere a escuta de algum repertório publicado naquele ano como justificação para o desígnio deste livro. O livro fala daqueles que muitos conhecerão, tais como José Mário Branco, José Afonso ou Sérgio Godinho, mas, para além disso, empenha-se em resgatar episódios e figuras esquecidas. São eles «as mulheres do canto de intervenção, em combate simultâneo contra um regime e uma ditadura de costumes» (p. 10), tais como Rita Olivaes ou Maria do Amparo, não deixando igualmente cair no esquecimento os músicos africanos que residiam em Portugal, tais como Bonga, e que também fizeram esta revolução antes da revolução. Explica ainda que estas mudanças não se limitaram à ação das figuras associadas à chamada canção de intervenção, considerando «extremamente complexas» as transformações «da nossa canção» (p. 11), fazendo referência ao fado, ao pop-rock e à denominada canção ligeira. Retratam-se acontecimentos marcantes da época, tais como o Festival de Vilar de Mouros ou o Festival da Canção e que refletem as mudanças sociais e culturais do início da década de 1970. O livro é ilustrado por diversas imagens e o autor demonstra bem as discussões, os vários pontos de vista e tomadas de posição, ilustrado de forma eficiente os conflitos e os consensos da época.

É este retrato heterogéneo e complexo da igualmente heterogénea e complexa «Primavera Marcelista» que Luís de Freitas Branco se propõe a trazer com esta publicação. E a verdade é que o faz. A sua experiência como jornalista confere ao texto um tom cuidado e cativante, embrenhando o leitor nos acontecimentos, aproximando-o das figuras da época e despertando a atenção para as criações musicais daquele ano. Todavia, provavelmente devido ao desejo de retratar da forma mais detalhada possível uma realidade tão multifacetada, a narrativa é por vezes inundada de informações interligadas que podem gerar alguma confusão ao leitor menos familiarizado com aquele contexto. Certos detalhes surgem entrelaçados com outros sem explicação suficiente, diluídos em metáforas, expressões e conceitos énicos próprios da época

1 *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*, José Mário Branco, autor, intérprete e produtor (LP, Sasseti - Guilda da Música, 1971).

e até de alguma gíria. Estes pormenores, tais como acontecimentos e figuras-chave, careceriam de mais espaço no livro para clarificação e maior aprofundamento. Embora este aspeto possa ser visto como positivo – uma vez que o autor trata o leitor com inteligência, pressupondo um conhecimento prévio da época – poderá tornar-se um desafio, ao comprometer, em alguns momentos, a clareza do discurso, já que o texto assume um tom quase imersivo como falasse para quem viveu aqueles acontecimentos em tempo real. Esta opção estilística, ainda que envolvente, pode dificultar o acesso ao livro por leitores menos familiarizados com o período, especialmente quando recorre a expressões ou referências menos contextualizadas.

Esta crítica não pretende, de modo algum, dirimir a riqueza da escrita de Luís de Freitas Branco que é sobretudo demonstrativa do seu profundo conhecimento dos assuntos tratados no livro. Sabendo que a publicação não é académica e que o autor está, à data da escrita desta recensão, a finalizar o seu mestrado em Ciências Musicais (vertente Etnomusicologia), a minha apreciação reconhece esta publicação como um valioso contributo para o meio académico e para estudantes. A obra oferece um conjunto de dados inéditos que merecem aprofundamento futuro no âmbito da investigação no seio da academia. O livro não se propõe a ser uma publicação académica tal como o autor esclarece no prefácio, referindo que resulta de uma investigação conduzida entre 2020 e 2022 e publicada, em parte, no jornal *Observador*. Todavia, não descarta uma investigação séria e pormenorizada, embora com algumas lacunas que um leitor habituado à escrita académica gostaria de ver preenchidas. A título de exemplo, quando descreve sumariamente a metodologia e as fontes consultadas, o autor refere ter realizado 46 entrevistas, mas não indica a exatamente quem.² Da mesma forma, refere ter consultado 730 jornais, 245 revistas e documentação vária da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, mas só no decorrer da leitura podemos descortinar quem foram os entrevistados e só pela consulta das notas de fim percebemos quais os periódicos e documentos consultados. No que concerne às entrevistas, senti falta da indicação explícita do nome do entrevistado e da data da entrevista no corpo de texto, o que facilitaria a tarefa do leitor em situar o discurso proferido no presente e as referências a entrevistas dadas na época. O problema agrava-se com o uso do presente do indicativo para relatar acontecimentos passados. Embora esta escolha não seja incorreta e contribua para a fluidez do discurso, pode gerar confusão ao cruzar fontes históricas – nomeadamente as entrevistas dadas à imprensa na época – com depoimentos mais recentes, recolhidos na investigação pelo próprio autor. Provavelmente esta terá sido uma opção para aproximar o leitor a um discurso mais imediato e envolvente, mas que acaba por dificultar a distinção entre testemunhos contemporâneos fruto de distanciamento e reflexão e os discursos da época. As fontes utilizadas são sobretudo a imprensa e a sua referência demonstra um minucioso trabalho de pesquisa e cruzamento de informação. No entanto, há uma notável

² Essa informação pode ser obtida apenas no *website* da editora: <<https://zigurate.pt/revolucao>> (acedido em 25 de fevereiro de 2025).

ausência de referências a trabalhos de investigação sobre o período abordado. Se o conceito de música popular portuguesa, por si só, levanta questões de definição que são remetidas para a *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*,³ o livro carece de uma maior desconstrução e problematização dos conceitos e termos próprios da escrita jornalística, tais como «nossa canção» ou adjetivações como «pop barroco».

Esta publicação é, sem dúvida, um contributo valioso para a compreensão da prática musical no âmbito da música popular no período pré-revolucionário. Com argumentos sólidos e provas consistentes, advoga o papel crucial da música não apenas enquanto reflexo de uma sociedade em ebulição, mas também como catalisador da mudança de consciências que culminou na queda da ditadura em 1974. Ainda há muito por estudar sobre este período, seja no que respeita à chamada canção de protesto, seja sobre a ação dos músicos e o modo como estes intervieram ativamente na transformação social. Por essa razão, o livro *A Revolução antes da Revolução* revela-se uma leitura essencial tanto para os que desejam conhecer melhor os anos que antecederam o 25 de Abril, como para aqueles que pretendem aprofundar este campo de estudos no seio da academia.

Sofia Vieira Lopes é investigadora integrada do INET-md. É doutorada em Ciências Musicais – Etnomusicologia pela NOVA FCSH com um projeto financiado pela FCT. A sua investigação centra-se no Festival RTP da Canção, Eurovision Song Contest, indústrias da música e dos media e memória cultural. É fundadora da Conferência Internacional EUROVISIONS, uma parceria entre Portugal, Alemanha, Reino Unido e Países Baixos. Criou o seminário «Music Festivals in Portugal and Europe» na NOVA FCSH e tem sido convidada para lecionar em diversas universidades em Portugal e na Europa. Habitualmente apresenta a sua investigação em eventos nacionais e internacionais e é autora de artigos científicos, capítulos de livros, um documentário (RTP) e um *podcast* (RTP-Antena1).

3 Salwa El Shawan Castelo-Branco (coor.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (Lisboa, Círculo de Leitores - Temas & Debates, 2010).